A orientação de "La Bataille Syndicaliste,,

DEPOIMENTO DE DOIS EX-REDACTORES

Lemos em *Tierra y Libertad* de 13 e 20 de Outubro o manifesto em que dois ex-redactores de *La Bataille Syndicaliste*, de Paris, Marcela Capy e Fernando Després (A. Desbois), expõem os motivos da sua retirada. E' um documento significativo, que daríamos na integra, se dispuséssemos de mais espaço para os muitos que já temos acumulados.

Dentro daquele diário há uma censura prévia mais rigorosa do que a censura militar do govêrno, exercida contra aqueles que conservaram a preocupação de defender a Internacional, a fraternidade operária, a luta de classes e que se limitam a entender que outra não deve ser a atitude dos que não estão nas trincheiras.

A Marcela Capry foram suprimidos quatro sueltos contra os patrioteiros e fornecedores do exército, pois podiam prejudicar o colaborador Charles Albert, fogoso neo-patriota, trânsfuga do anarquismo! Depois mais um artigo, que reivindicava o direito de asilo para os refugiados políticos russos! Marcela e Desbois queixaram-se ao conselho administrativo, que lhes reconheceu o direito de exprimirem a sua opinião em artigos firmados.

Mais dias depois, em 30 de Julho, tendo Desbois escrito sôbre o «pensamento de Mirbeau» um artigo que o próprio Mirbeau corroborou e agradeceu, um dos administradores, Chauvin, acusou-o violentamente de trair o pensamento do grande escritor e ordenou ao secretário de redacção, Luís Grandidier, outro trânsfuga do anarquismo, que só publicasse o que lhe parecesse conforme com a linha de conduta do jornal — "a de Charles Albert, que pode resumir-se no famoso *Até ao fim*, grito de concentração de todos os nacionalistas,,.

Seguiu-se então a supressão de vários artigos, entre os quais um de Desbois sôbre o folheto de Romain Rolland *Au-dessus de la mêlée* e outros de Marcela Capy, defendendo Rolland contra o neo-patriota Cornelissen e convidando os patrioteiros Barrès, Richepin e quejandos a alistarem-se como voluntários. Entretanto, Albert e Cornelissen podiam livremente atacar o nobre escritor com os mesmos argumentos dos nacionalistas, e a censura interna de *La Bataille Syndicaliste* tesourava certas passagens do prefácio escrito por Amadeu Dunois para a brochura de Rolland, passagens que a censura militar poupara! E em 4 de Agôsto o diário "sindicalista,, inseria uns versos de Rafael Périé que lhe valeram os parabêns do *Figaro!*

Fatigados por fim, Marcela Capy e Desbois escreveram em 20 de Agôsto ao Conselho Administrativo uma carta que concluía àssim:

«Éramos pagos pela classe operária para a servir. Fizemos o possível para a servir bem. As numerosas cartas recebidas, tanto de soldados como de paisanos; os incitamentos que nos dispensaram; a simpatia fraternal que espontâneamente nos manifestaram os nossos camaradas, tanto das trincheiras como do exterior, recompensam-nos pelo nosso esfôrço. Falámos duma tribuna livre. Hoje já o não é. Demos sem contar todas as nossas fôrças, durante meses e meses, ao jornal que era defensor das causas nobres e justas. Não queremos abdicar do nosso pensamento e recusamos inclinar-nos ante uma censura que não tem capacidade nem competência para nos amordaçar. Se pretendeis impôr-nos silêncio, temos a honra, camaradas do Conselhos Administrativo, de vos apresentar a nossa demissão.»

Após algumas hesitações, à terceira reunião o Conselho resolveu aceitar pura e simplesmente a demissão pedida. Dos seis presentes, só um, Guillemin, dos terraplenadores, protestou contra a decisão, tomada sem exame dos escritos incriminados.

Eis o declive por onde o intervencionalismo e a colaboração de classes estão empurrando o movimento operário. Isto deveria abrir os olhos a muitos — isto, além de outros factos que se veem sucedendo.

Da praça pública à cadeia

A via dolorosa por que presentemente nos faz passar a acção exploradora do capitalismo acompanhada das violências do Estado e militaristas, é, em todos os sentidos, verdadeiramente insuportável para a classe trabalhadora que vê preparar-se um futuro execrável e humilhante se não souber corresponder aos seus algozes com um golpe de audácia que faça libertar êstes quatro ou cinco milhões de oprimidos.

Na mira de consolidar o já abalado poder burguês, que num último esfôrço pretende atarrachar mais as algemas para deter os nossos movimentos de liberdade, o Estado republicano, julgando-se senhor absoluto da massa proletária e esquecendo os princípios que em rubros discursos, foram proclamados do alto do tablado dos comícios na época da propaganda, envereda doidamente pelo caminho das mais ferozes perseguições.

São decorridos mais de cinco anos de novo regimen. Todavia, continuamos na mesma se não pior situação. Foi-se o despotismo monárquico mas ficou o republicano. O povo morre de miséria e de fome e os cárceres regorgitam de presos por delitos sociais, homens cujo crime consiste apenas em procurar um futuro melhor, por não concordarem com a marcha ignominiosa e cheia de iniquidades da actual organização social.

Mas também ¿que tem feito o proletariado para evitar êste estado calamitoso em que se vive? Nada ou quase nada, limitando-se simplesmente a platónicos protestos quando é atingido pela violência dos governantes.

Pois é já tempo de abandonarmos a inacção vergonhosa que nos retêm.

Se não sabemos o caminho a seguir para libertar os nossos presos, compulsemos a história de França e no período que medeia de 1788 a 1790, e êle nos será indicado.

A violência gera a violência!

JÚLIO CRUZ.

DOCUMENTOS

A SOCIAL DEMOCRACIA E A PAZ

(MANIFESTO DA COMISSÃO EXECUTIVA DA SOCIAL DEMOCRACIA ALEMÃ

CONCLUSÃO

E o representante dos camaradas belgas, o presidente do secretariado socialista internacional, o camarada Vandervelde, que também entrou no govêrno do seu país, afirmou a 18 de Abril num discurso em Paris:

"Venho hoje falar da guerra e em favor da guerra. . . . Como pacifista socialista e internacionalista, sou pela guerra até ao fim. . . . Sinto cólera contra aqueles camaradas nossos que gostariam de fazer a paz. Oh! não! Ao crime deve seguir-se a expiação.»

Reconhecemos sem demora que há na Inglaterra assim como em França grupos socialistas que trabalham pelo espírito de paz como todo o partido socialista alemão e seus chefes. Mas isto não pode iludir-nos sôbre triste o facto de a grande maioria dos socialistas ingleses e franceses afiliados no Secretariado Socialista Internacional, as suas organizações e corpos representativos, desejarem, com os seus govêrnos, continuar a guerra até absoluta subjugação da Alemanha.

E' um acto de falseamento irresponsável da parte de socialistas alemães se, em folhas e folhetos anónimos, a situação internacional e os processos do partido são descritos de modo a justificar a censura feita à Comissão Executiva de não fazer o bastante para dar expressão à vontade de paz do operariado. Os que sèriamente desejam neste momento a unidade do movimento operário alemão, tam essencial agora e após a guerra, devem condenar francamente semelhante acção

O grupo parlamentar e a comissão executiva sempre se opuseram unânimemente à política de conquistas e anexações. Mais uma vez erguemos os mais vivos protestos contra tôdas as tentativas de anexação de territórios estranheiros e de violação dos direitos de outros povos, particularmente tais como foram expressas nos pedidos de grandes federações capitalistas e dos discursos de influentes políticos burgueses. Tais tentativas retardam mais do que nunca a paz que a nação inteira deseja ardentemente. *O povo não quer anexações de espécie alguma. O povo quer a paz.*

Se a guerra, exigindo todos os dias novos sacrifícios, não ha-de arrastar-se sem fim, uma das Potências nela empenhadas tem que estender a mão em sinal de paz. A Alemanha, que foi atacada por fôrças muito superiores, que tem até hoje resistido a todos os inimigos, que desmanchou o plano de reduzir o seu povo à fome e provou que não pode ser derrotada, deve dar o primeiro passo em favor da paz.

Em nome da humanidade e da civilização, apoiados na favorável situação militar criada pela bravura dos nossos camaradas armados, apelamos para o Govêrno afim de que mostre estar pronto a encetar negociações de paz que ponham termo à sangrenta luta.

Dos nossos camaradas dos outros países beligerantes esperamos que farão pressão sô-